

SOY GAUDI: UMA RAPSÓDIA PLÁSTICA CATALÃ MODERNA

João Eduardo Hidalgo¹, Márcia Aparecida Barbosa Vianna², Nelyse Salzedas³

Pintar, esculpir, construir são formas de expressão e de ver o mundo. O arquiteto catalão Antoni Gaudí (1856-1926) registrou e viveu a Catalunha, sua natureza, sua história e cultura. Este texto não tem caráter biográfico, propõe-se a construir sobre uma tríade: Barcelona – Cripta da Colônia Güell – Gaudí. Ler Gaudí através de seu texto: A Cripta. A nossa proposta objetiva o enfrentamento de Gaudí com ele mesmo, em seu processo de interfaces: texto e imagem, num espelhamento “vis-a-vis” com a sua obra, aqui enfocada na Cripta da Colônia Güell de Barcelona.

A Espanha tem uma realidade cultural bastante singular, com aproximadamente 40 milhões de habitantes a nação possui 4 línguas oficiais: o Espanhol (ou Castellano), o Galego, o Vasco e o Catalão. Diferentemente do que se pensa o Catalão, o Vasco e o Gallego são línguas, com gramáticas e culturas próprias. Recentemente Valência e região tentou defender que eles também tem uma língua, o Valenciá, que na verdade é uma variante, aqui sim um dialeto, do Catalão.

Barcelona, La ciudad Condal, por ser a capital do Condado de Catalunya, é uma região habitada desde o ano 1.000 antes de cristo. Os povos ocupantes foram os sorotaptos, os celtas, os fenícios, os gregos, os iberos e em 200 A. C., os romanos. A língua catalã vem do latim vulgar, mas é resultado do substrato de todas as anteriores que ocuparam a região chamada de Barcino, Ampuria e finalmente Barcelona. A Cataluña ou Catalunya (em catalão) abarca toda a costa nordeste da Espanha, de Valencia a Barcelona, esta região tem a cultura catalã arraigada em sua etnia. Enquanto o Espanhol tem joias como Don Quixote, publicado entre 1605 e 1615 por Miguel de Cervantes, a cultura catalã tem *Tirant lo blanc*, publicado em Valencia em 1490 (e que aparece citado no Quixote).

Gaudí é um nativo catalão, sempre teve orgulho de sua língua e cultura nativa, escreve e esculpe palavras e frases em catalão em suas obras, lutou por esta cultura, chegou a ser preso e

1 Doutor em Comunicação (Cinema) pela ECA/USP. Professor da FAAC/UNESP.

2 Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo.

3 Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora de Pós-Graduação da FAAC/UNESP.

principalmente, sua formação e atuação como arquiteto se faz neste ambiente. Quem é nosso autor? Antoni Gaudí i Cornet nasceu em Reus, Catalunha, Espanha.

Falar de Gaudí é falar da poética aristotélica, seu ritmo, texturas, e seus efeitos, se transmudam em uma rapsódia colorida, modelada por linhas e tons. Gaudí, Barcelona; Barcelona, Gaudí se fundem em uma obra com texto, contexto e narrativa: tempos, estilos e estética. Eis Gaudí.

Uma primeira leitura coloca Gaudí passeando pelo espaço gótico, pelas suas colunas, abóbodas, cruzetas, vitrais, ogivas, que estão ontologicamente ligadas entre si. Em uma segunda leitura, através de seus textos arquitetônicos: Bellesguard (1902), a Casa Batlló (1906), La Pedrera (1912) Park Guell (1914), pode-se dizer que Gaudí é um arquiteto híbrido: neogótico, simbolista, Art-Nouveau. É um arquiteto do seu tempo, um período de mudanças, de rupturas, que consegue criar um estilo próprio a partir de um projeto coletivo nacional catalão, gerando obras onde estrutura e ornamentações se conjugam a fim de criar harmonia, beleza e transcendência.

Através de soluções construtivas para problemas que a engenharia da época não estaria preparada para resolver, através de métodos tradicionais, Gaudí cria um neogótico dentro do chamado Modernisme catalão, que é fruto de uma junção/oposição do Romantismo, da Art Decó e de estéticas contemporâneas barcelonetas do final do século XIX. Num processo demiúrgico, talvez pudéssemos pensar na mimésis grega, quando Gaudí entra em simbiose com a natureza na Cripta da Colônia Guell, joga com ela, transcende, (re)interpreta-a, segue-lhe os contornos, o movimento, a luminosidade, dando-lhe traços mágicos e divinos, perfumando, como diria João Cabral de Melo Neto, seu poema visual.

A Cripta Guell é a obra prima de Gaudí, nela está toda a sua experiência e pesquisa de projetos, materiais e, sobretudo, sua característica mais marcante, a integração do homem com a natureza. As leituras que incidem no modo de ver, representar, repesam a linguagem de Gaudí em relação à cultura e a arte catalã, o estilo Mudejar, o Gótico Rayonnant e Flamboyant da Cripta, que poderia estar vincula da mesma maneira aos séculos XIV ou XXIV.

É a temporalidade da arte que se movimenta que se constrói a partir dela mesma. As leituras proporcionadas ao espectador, que adentra a cripta provocam uma interrogação, e o surpreende “on n’y voit rien o je vois tout”, o que está atrás de tudo isto? O que ele (Gaudí) nos diz, por que se expressa assim, o que tem em mente? E as interrogações continuam a mergulhar na engenharia, na estética e na linguagem. Afinal quem foi e será Gaudí para a arte catalã e mundial? Em que

linguagem espelha o seu modo de ver, a sua expressão curvilínea, a sua plasticidade desbordante? São questões, são angústias que se lhe oferecem ao leitor/espectador no momento epifânico do contato com a obra gaudiniana.

A começar pela sua localização, em um acíve, a Cripta se ajusta, insere-se, e amolda-se à vegetação nativa e à topografia do terreno mediterrâneo e os mimetiza em suas colunas, tetos e vitrais, que desafiam as leis da gravidade. O balancear dos pinheiros incorporados nas colunas do átrio e da cripta, as janelas, os vãos, que são substituídos por vitrais coloridos, são símbolos do cristianismo, com cores determinadas para as suas divindades. Amarelo a luz do Pai Eterno, o laranja o Espírito Santo e o vermelho o filho Jesus Cristo. Os vitrais formam flores, formas geométricas através das quais a luz divina (vinda da própria natureza) invade o templo da Colônia Guell. Devemos lembrar que as estruturas de uma construção, seja ela o Paternon em Atenas ou as colunas gregas da sala hipostila do Park Guell reagem à luz, as colunas do Paternon são ligeiramente curvas para dentro, para corrigir um defeito ótico que as faria parecer tortas, da mesma forma as colunas do Park Güell que parecem retas não o são. O Paternon foi construído segundo um ideal matemático de perfeição, que leva em conta o comprimento a largura e a distância das colunas.

Esta luz catalã-mediterrânea é um elemento de preenchimento de espaços, de construção e destaque de contornos, relevos e ornamentos fundamental em Gaudí; e todo este emprego cromático típico do Gótico conduz ao divino, Deus como luz, forma e estrutura do mundo. As catedrais góticas e renascentistas do século XVI na Espanha começaram a utilizar os vitrais como suporte de símbolos e artifício de criação de uma realidade não material. “De esta forma, la vidreira prolonga artificialmente el espacio del templo más allá de los límites materiales de la arquitectura.” (NIETO/2010/p.147) Os vitrais de Gaudí não mostram nunca imagens sacras, mas sim as formas da natureza, flores, asas de borboletas. Os vitrais da Esglesia de Santa Coloma de Cervellò, chamada Cripta Güell, constroem um esquema de iluminação, que está de acordo com as estruturas, que são irregulares como uma caverna, com nichos onde seres celestes se manifestam, levando-nos para uma experiência metafísica. Lembremos que em 1858 Bernadette Soubirous teve várias visões da Virgem Maria em Lourdes, nos Pirineus franceses. A gruta, chamada também de cripta, onde a aparição se deu está imediatamente abaixo da Basílica (Gótica) erguida em 1878. Gaudí fervoroso católico certamente foi influenciado por este acontecimento de sua infância, poucas vezes lembrado pelos seus biógrafos e estudiosos.

As primeiras pesquisas de terreno e desenho para a pequena igreja obreira foram feitos em 1898, mas Gaudí levou dez anos construindo uma maquete funicular, que utilizava fios e pequenas bolsas de areia para construir um modelo físico do projeto e as obras só foram iniciadas em 1908; sendo interrompidas definitivamente em 1914 quando Gaudí decidiu dedicar-se exclusivamente a construção da Sagrada Família. Conjuntamente com a construção da Cripta Güell Gaudí realizou: La Casa Calvet (1899), o Park Güell (1900-1914), Bellesguard (1909), La Casa Batlló (1906), La Pedrera (Casa Milà, 1912) e claro La Sagrada Família (1883-1926), esta última também declarada Bien Cultural de Interés Nacional em 1969, 43 anos depois da morte do arquiteto. La Sagrada Família é celebrada mundialmente como obra prima, que sintetiza toda a obra de Antoni Gaudí, ledor engano, o templo tem interferências inclassificáveis na sua continuidade e não foi cuidado por Gaudí, pois ao morrer atropelado por um bonde em 1926, somente uma das torres da fachada do nascimento estava terminada e muitas de suas esculturas ainda estavam sendo realizadas. A Cripta Güell é o manifesto arquitetônico Gaudiniano por excelência e foi, e ainda continua, envolvido numa bruma de esquecimento, que está sendo dissipada (sem muito sucesso) pelos estudiosos da Universitat de Barcelona, atuais proprietários e herdeiros culturais.

Toda a obra de Gaudí foi intencionalmente esquecida durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e colocada de lado durante a ditadura do limitado monólíngue Francisco Franco, que durou de 1939 até sua morte em 1975. Em 1936 a maioria das igrejas espanholas foram atacadas, incendiadas, muitas vezes com os padres e freiras dentro. O ateliê de Gaudí, que ficava dentro da Sagrada Família foi incendiado, as maquetes e modelos em gesso destruídos e o túmulo de Gaudí, que está localizado na cripta desta mesma igreja sofreu uma tentativa de abertura. A Cripta da Colonia Güell foi invadida, muitos de seus bancos foram queimados, os vitrais totalmente destruídos e o altar incendiado.

As primeiras ações de lembrar e recuperar a memória e principalmente a obra de Gaudí foram realizados a partir da década de trinta. Em 1929 o arquiteto e professor de história da arte Josep Francesc Ràfols publicou a primeira biografia sobre Gaudí, Ràfols trabalhou nas obras da Sagrada Família até a morte do mestre. O segundo e mais importante arquiteto e teórico a recuperar e principalmente registrar a obra de Gaudí foi Cesar Martinell Brunet (1888-1973), que como jovem arquiteto conviveu com Gaudí dos anos 1910 até sua morte em 1926. Martinell foi o grande

compilador das opiniões e ensinamentos de Gaudí, que teve que esperar o ano de 1951 para lançar seu primeiro livro sobre Gaudí. Lembrar que a partir de 1950 a Espanha franquista começa um movimento de “abertura” e relações exteriores, aproximando-se dos Estados Unidos e seguindo as regras de ajuste para entrar no que seria a União Europeia.

A Colònia Güell, onde foi construída a Cripta Güell a pedido do grande mecenas de Gaudí, Eusebi Güell, ficou na família até 1943, funcionou como fábrica têxtil até 1973 e foi comprada pela Universitat de Barcelona e pelo Ajuntament da cidade em 1980. Em 1960 os bancos originais serviram de modelo para reprodução dos que tinham sido destruídos; em 1965 o altar foi reformado e em 1980 os vitrais foram restaurados. Em 1969 a Colònia e a Cripta foram declaradas Bem de Interesse Nacional.

Revisitar a Cripta da Colônia Guell de Santa Coloma de Cervalló é tomar contato com a história da arte, que Gaudí atualiza, em uma síntese estilística que transforma elementos imateriais como a língua catalã, sua cultura e seu cromatismo, em bases de uma arquitetura sem precedentes na história da humanidade.

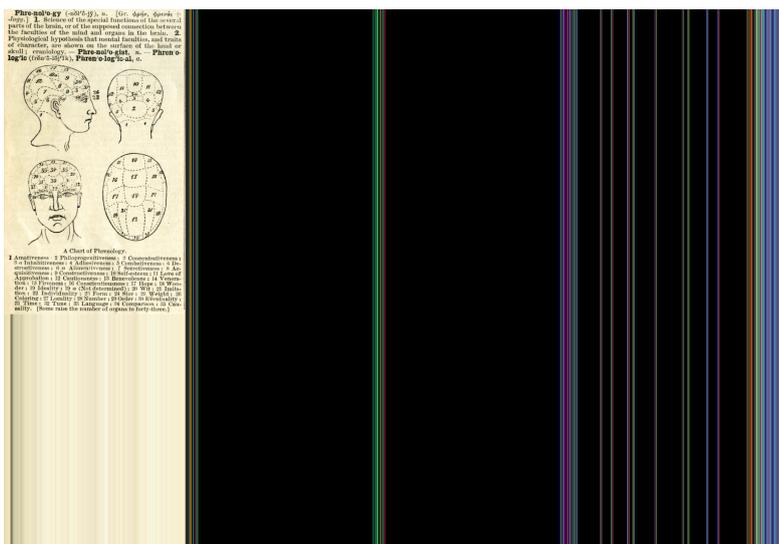


Fig 1 - Entrada Cripta Güell, 2002. (Foto: J.E.H.)



Fig 2 - Interior Cripta Güell, 2002. (Foto: J.E.H.). Casa Batlló, 2002 (J.E.H)



Fig 3 - Interior Cripta Güell, 2002. (Foto: J.E.H.)

Fig 4 - Fachada Cripta Güell, 2002. (Foto: J.E.H.) Monastério de Montserrat, construído em 1080. (J.E.H)

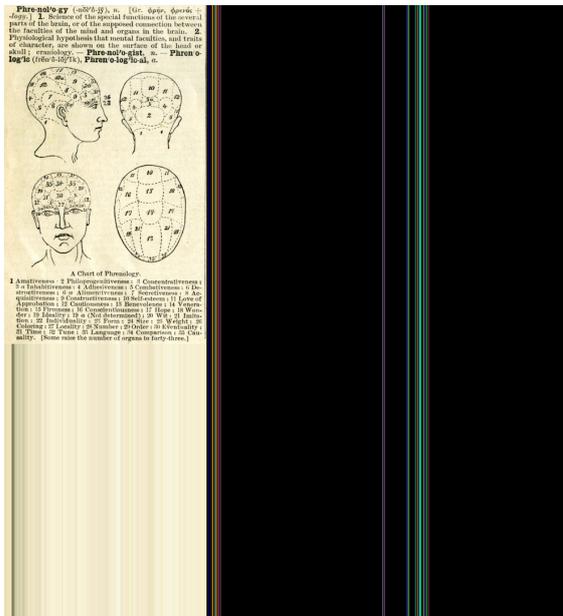
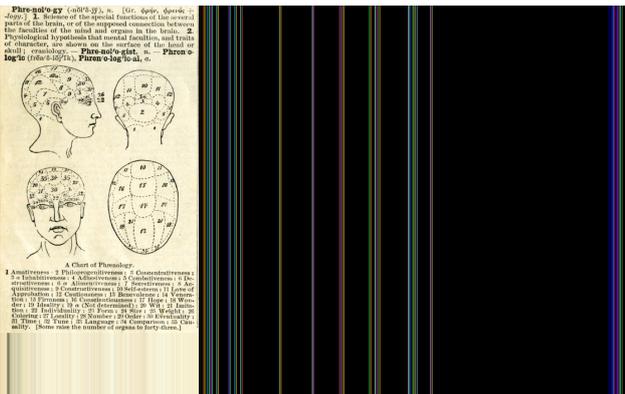




Fig 5 - Colònia Güell, 2002. (Foto: J.E.H.)

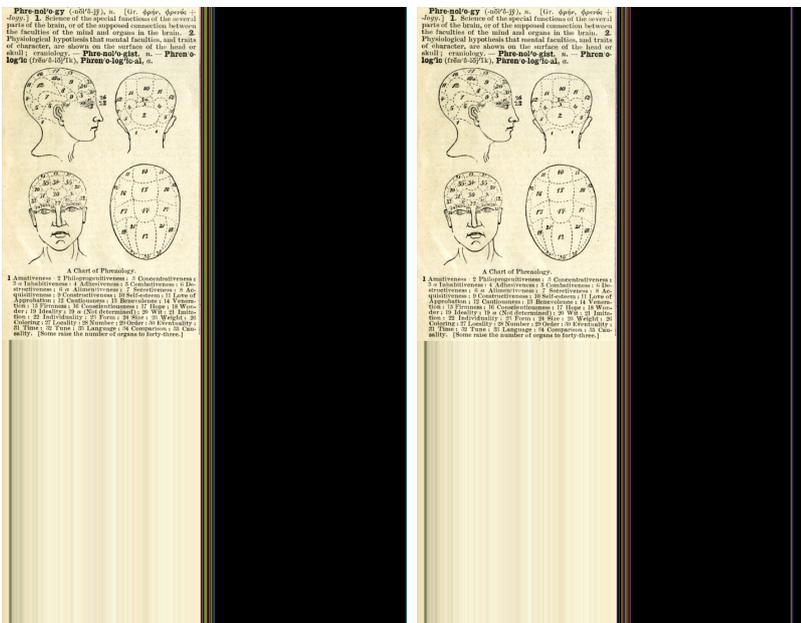


Fig 6 - Sagrada Família, 1996. (Foto: J.E.H.) La salamandre, Park Güell, 1996. (Foto: J.E. H.)

Referências:

ÁLVAREZ IZQUIERDO, Rafael. Gaudí. Arquitecto de dios. Madrid: Ediciones Palabra, 1999.

ARGAN, G. C. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BERGÓS I MASSÓ, J. Antoni Gaudí, l'home i l'obra. Barcelona: Ariel, 1954.

- BONET I ARMENGOL, J. L'últim Gaudí. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 2000.
- CIRLOT, Juan Eduardo. Gaudí. Una introducció a la seva arquitectura. Barcelona: Triangle Postals, 2001.
- CUSÓ I ANGLÈS, J. Gaudí. De la natura i de la Sagrada Família. Lleida: Pagès, 2010.
- DANTO, Arthur C. Qué es el arte. Barcelona: Paidós, 2013.
- DOMÈNECH, Miquel; FUNES, Antonio G. La colònia Güell. Barcelona: Triangle Postals, 2003.
- FÉRRIN, A. M. Gaudí. De piedra y de fuego. Barcelona: Jaraquemada, 2001.
- GIRALT-MIRACLE, Daniel. Gaudí 2002 – Año internacional Gaudí. Programa oficial. Barcelona: Ajuntament de Barcelona/Institut de Cultura, 2002.
- _____ ; GÓMEZ SERRANO, Josep. Gaudí – La recerca de la forma. [Vídeo]. Produção de Museu d'Història de Barcelona. Barcelona, 2002. 11 min. color. son.
- MARTINELL BRUNET, Cesar. Conversas com Gaudí. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. Gaudí i la Sagrada Família comentada per el mateix. Barcelona: Aymà, 1951.
- MARTORELL, Joanot. Tirant lo blanc. Una tria. Barcelona: Raval Edicions, 2008.
- NIETO ALCAIDE, Victor. La luz, símbolo y sistema visual. Madrid: Cuadernos Arte Cátedra, 2010.
- RÀFOLS, J. F. Antoni Gaudí. Barcelona: Canosa, 1929.
- TARRAGONA I CLARASO, Josep Maria. Gaudí, l'arquitecte de la Sagrada Família. Biografia Breu. Barcelona: Hooked, 2012.
- ZERBST, Rainer. Gaudí – Obra arquitectónica completa. Madrid: Taschen, 2005.